

Augusto Alvarenga

Vinicius Grossos

1 + 1



A Matemática do Amor



FARO  
EDITORIAL

Augusto Alvarenga

Vinicius Grossos

1+1

A Matemática do Amor

**COPYRIGHT © FARO EDITORIAL, 2016**

Todos os direitos reservados.  
Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito do editor.

Diretor editorial **PEDRO ALMEIDA**

Preparação **TUCA FARIA**

Revisão **GABRIELA DE AVILA**

Capa e diagramação **OSMANE GARCIA FILHO**

Imagens de capa e de miolo **CHRONICLER101 | ISTOCK**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Alvarenga, Augusto

1+1 : a matemática do amor / Augusto Alvarenga,  
Vinícius Grossos. — Barueri, SP : Faro Editorial, 2016.

ISBN: 978-85-62409-69-1

1. Ficção brasileira 2. Literatura infantojuvenil  
I. Grossos, Vinícius. II. Título.

16-01372

CDD-869.3

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura brasileira 869.3



1ª edição brasileira: 2016

Direitos de edição em língua portuguesa, para o Brasil,  
adquiridos por FARO EDITORIAL

Alameda Madeira, 162 – Sala 1702

Alphaville – Barueri – SP – Brasil

CEP: 06454-010 – Tel.: +55 11 4196-6699

[www.faroeditorial.com.br](http://www.faroeditorial.com.br)

# Prólogo

## Lucas

Não lembro muito bem como eu e o Bernardo, meu melhor amigo, nos conhecemos. Até onde sei, ele sempre esteve ali, do meu lado.

Alguns flashes da nossa infância ainda disparam na minha memória — como aquele da minha festa de aniversário de cinco anos, quando fui soprar a vela e a cadeira em que eu estava tombou, me derrubando em cima do bolo. Comecei a chorar, envergonhado, na frente da família inteira. Mas o Bernardo morreu de rir.

— Agora, sim, o bolo ficou a sua cara! — ele disse, gargalhando. Em seguida, tirou um pedaço de recheio de chocolate grudado na minha testa e o comeu, enquanto meu rosto ainda queimava de vergonha.

As coisas pro Bernardo sempre foram bem mais simples. Ele brincava de carrinho, de videogame ou outro jogo qualquer. Estava sempre animado pra fazer alguma brincadeira, nem que fosse sair correndo por uns oito quarteirões até a padaria mais próxima, pra tomarmos sorvete. Ou pra ir à casa da minha tia que eu achava a mais chata. O Bernardo simplesmente não se importava. Não tinha medo de assistir a filmes de terror, e ria, ao passo que eu ficava apavorado. Ao menos ele sempre conseguia fazer a pipoca de micro-ondas quando a mãe dele não estava em casa. Eu queimava as minhas em todas as tentativas.

Mesmo assim, Bernardo gostava do brigadeiro que eu fazia e do meu cachorro. Adorava comer as jabuticabas que nasciam na árvore do

meu quintal. Curtia muito ler minhas revistas em quadrinhos emprestadas e sempre, *sempre*, aceitava os papéis que o fazia interpretar nas peças de teatro que eu cismava em escrever todo fim de semana. O Bernardo dizia que eu era o melhor ator, mas ele fazia as melhores comédias.

Na escola, sempre estudávamos na mesma sala. Ele me ajudava em matemática, e eu lhe dava uma mão em português. O Bernardo não entendia as regras dos porquês, e pra mim a matemática parou de fazer sentido há tanto tempo que nem lembro mais. Mesmo assim, ele era paciente. Repetia a mesma coisa mil vezes se fosse necessário, não importando se estava ficando tarde pra brincarmos na rua: a gente poderia ficar dentro de casa jogando videogame, caso anoitecesse. Eu precisava aprender as divisões.

Nunca sobrevivi muito tempo nesses jogos de ação — eu acabava reparando demais no cenário e imaginando o que estava acontecendo, enquanto o Bernardo atirava pra todos os lados. A mãe dele se preocupava por jogarmos esses jogos; mas eu, não, nem um pouco. Ele sempre dizia:

— Não vou sair por aí assassinando as pessoas... Ela não precisa se preocupar. E, de qualquer forma, prefiro passear e tomar sorvete com você!

Eu concordava, porque confiava nele. E era o que fazíamos em quase todos os dias ensolarados e quentes. O Bernardo pegava o maior sundae possível e o enfeitava com tudo o que tinha direito. Eu, por outro lado, preferia um milk-shake médio. Depois, voltávamos pra casa chutando as pedrinhas que ficavam perto do meio-fio ou saltando as rachaduras da calçada.

— É o fim do mundo! — um de nós gritava. — O chão está se desfazendo! Corre!

E lá íamos nós, correndo de volta pra casa, imersos no nosso pequeno universo, disputando quem chegava mais rápido, sem derrubar o sorvete, antes do mundo acabar.

# Prólogo

## Bernardo

Tão natural quanto respirar. É assim que penso na minha amizade com o Lucas. Como tudo começou? Bem, eu não sei.

Nossas famílias sempre foram amigas. Acho isso legal. Nascemos com diferença de três meses (eu sou o mais velho), e gosto de pensar que mantivemos algum tipo de contato telepático durante o tempo em que vivemos nos úteros de nossas mães. Há uma foto, inclusive, que particularmente adoro: nossas mães, lado a lado, sorridentes, com seus barrigões de grávidas. Eu e o Lucas, lá dentro.

A Denise e o Manuel Moreira são os pais do Lucas. A Lílian e o Carlos Sampaio são os meus.

Minhas memórias da infância sempre trazem todos juntos. Nossos pais, como bons amigos, viviam se reunindo pra campeonatos de baralho ou festivais de filmes. A verdade é que eles são meio nerds, o que é legal. E enquanto os quatro jogavam ou faziam sei lá o que, eu e o Lucas tínhamos tempo para as “nossas coisas” — ou seja, podíamos brincar com jogos de tiro no meu videogame sem que minha mãe fizesse comentários bobos. Ela achava que, talvez, algum dia, eu fosse imitar aquilo tudo da tela e sair matando quem encontrasse pela frente, sei lá. Por isso gostava quando só estávamos eu e o Lucas no meu quarto. É como se o mundo estivesse trancado lá fora, proibido de entrar.

Eu e o Lucas somos meio diferentes... Mas é... Como posso explicar?

Somos como o *yin* e o *yang*.

Eu sou o sol, o Lucas é a noite.

Eu sou o achocolatado, o Lucas é o café.

Eu sou do verão, o Lucas, do inverno.

Eu sou da matemática, o Lucas, do português.

Eu o ajudo a entender que  $1 + 1$  é igual a 2, mesmo que ele teime em afirmar que em alguns casos  $1 + 1$  pode vir a se tornar 1. Eu apenas dou risada, porque o Lucas tem todo esse lado poético. E então ele tenta me ajudar a entender poesias do Vinícius de Moraes, quando, na realidade, eu já entendo o sentido... A minha dificuldade maior é em compreender o sentimento sobre o qual ele fala.

E é sempre assim: o Lucas respira fundo, com paciência, e diz:

— Bernardo, presta atenção! Vou repetir, ok?

— Ok.

— Pois bem... *Soneto de fidelidade*, de Vinícius de Moraes.

Esse é um dos poemas favoritos do Lucas. Ele gosta tanto que sabe de cor:

*De tudo ao meu amor serei atento  
Antes, e com tal zelo, e sempre, e tanto  
Que mesmo em face do maior encanto  
Dele se encante mais meu pensamento.*

Ele continua a recitar, e eu fico concentrado em sua voz. É boa de ouvir. O Lucas recita com emoção, com paixão, como se cada palavra representasse mesmo um sentimento que é verdadeiramente seu. Mas nem isso me ajuda a entender alguma coisa sobre o amor de que Vinícius de Moraes fala. E eu queria muito poder.

# 1

## Lucas

— Lucas, meu filho, já chega de dormir! Vem lanchar! — berrou minha mãe do outro lado da porta.

Entreabri os olhos e espiei meu quarto meio iluminado com o pouco de luz que entrava pela borda da cortina. Eu não fazia ideia de que horas eram.

— Mãe! Estou de férias, esqueceu? — resmunguei, enterrando a cabeça no travesseiro.

— Isso não é justificativa! Não é porque você está de férias que vou deixar que hiberne o mês inteiro! E hoje é só o primeiro dia! Vem que o lanche já está na mesa, e não vou chamar de novo!

Rolei na cama mais alguns minutos em relutância, mas ao sentir o cheiro do café me obriguei a levantar. Afinal de contas, eu finalmente estava de férias e poderia dormir bastante, antes que o último ano do ensino médio começasse.

Pensar no “último ano” já era, por si só, motivo pra me tirar o sono. Eu estava apavorado! Em breve teria que prestar vestibular, viver ainda mais de estudar e decorar aquelas fórmulas mirabolantes. Fiz força pra espantar o pensamento; afinal, faltavam ainda quarenta e cinco dias. Eu poderia pensar nisso depois.

Calcei o chinelo e abri a porta do quarto. Meu cachorro entrou correndo e me lambeu todo, empolgado.



— Bom dia, Sushi!

E ele respondeu agitando o rabo, superfeliz.

Fui pra cozinha e sentei no meu lugar de sempre.

— Bom dia, mãe, bom dia, pai — cumprimentei.

— Bom dia, dorminhoco. No primeiro dia de férias já está dormindo esse tanto?

— Ah, pai, eu estava cansado...

— Faça ideia — ele respondeu. — Ficou na casa do Bernardo ontem até tarde, né? O que vocês tanto fizeram?

— Nada de mais. Ele ficou jogando videogame, e depois comemos o pão de queijo que a mãe dele fez. Estava uma delícia.

— É, o pão de queijo da Lílian é delicioso mesmo. — Minha mãe serviu um pouco de café na xícara dela e depois na minha. — Ela ligou aqui mais cedo, enquanto você estava dormindo, e perguntou se o Bê poderia vir pra cá. A Lílian vai ter que sair pra resolver alguns problemas. Daqui a pouco ele chega. — E abocanhou uma torrada.

— Tudo bem. Vou aproveitar que as jabuticabas já estão quase caindo do pé e levar o Bernardo lá. Ia fazer isso ontem, mas esqueci. — Tomei um golinho de café.

Meu pai nunca gostou que eu tomasse café, dizia que não era coisa de criança. Mas eu não era mais criança, e a sensação quente e um pouco amarga que vinha daquele líquido preto me agradava por algum motivo. Como eu sempre acordei com muito sono, o café se tornou logo meu segundo melhor amigo. O Bernardo detestava. Na verdade, acho que quase ninguém com dezesseis anos gosta de café.

— Último ano no colégio, hein, filho? — Meu pai sorriu.

— Vai ter que estudar mais agora — minha mãe emendou. — E a matemática vai ficar mais difícil ainda. Espero que o Bernardo continue te ajudando, porque aquele menino é um milagre. Só ele pra fazer você entender alguma coisa daqueles números. Eu era como você. — Ela riu. — Não sabia nada de matemática. Sua tia Sarah é que dava um jeito de me ajudar. Se não fosse por ela, só Deus sabe!

— Pois é — respondi sem muito interesse na conversa. Muito menos àquela hora da manhã.

— Pois é?! Que desânimo é esse? — Meu pai serviu-se de mais um pouco de suco.

— Ah, é meu primeiro dia de férias — respondi. — Não quero pensar no ano que vem ainda. É um pouco assustador — confessei.

— Filho, não tem nada de assustador no último ano da escola, muito pelo contrário! Agora, você só precisa estudar ainda mais pra garantir uma boa nota nas provas dos vestibulares e tudo o mais... — Minha mãe afagou meus cabelos.

— Eu sei, mas... ah... Prefiro pensar nisso mais pra frente. Agora é hora de me concentrar nas minhas férias. — Dei de ombros.

— Pra isso eu estou vendo como você está animado. — Meu pai piscou pra mim. — Mas se continuar dormindo tanto assim, vai acabar perdendo as férias inteiras.

Eu já ia responder quando a campainha tocou. Era o Bernardo.

— Retire o que disse, seu Manuel — brinquei com meu pai, enquanto deixava a mesa indo em direção à porta da cozinha. — Meu despertador acabou de chegar. — E abri a porta pro Bernardo, que carregava sua mochila nas costas. — Férias, *yes!*

**ASSINE NOSSA NEWSLETTER E RECEBA  
INFORMAÇÕES DE TODOS OS LANÇAMENTOS DA  
FARO EDITORIAL**

**[www.faroeditorial.com.br](http://www.faroeditorial.com.br)**



ESTA OBRA FOI IMPRESSA PELA  
GRÁFICA IMPRESSUL EM MAIO DE 2016